



TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 2005.

LITERATURA TRADICIONAL (POPULAR): EXPERIÊNCIA ESTÉTICA ENTRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO

Bruna Costa de Moura Gomes

Discente do curso de Licenciatura em Letras (CFP-UFCG)

bruna.costa@estudante.ufcg.edu.br

Maria Eduarda Pereira de Oliveira

Discente do curso de Licenciatura em Letras (CFP-UFCG)

maria.e.pereira@estudante.ufcg.edu.br

Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior

Professor da Universidade Federal de Campina Grande

lucrecio.araujo@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma experiência realizada no decurso da execução do Projeto de Extensão/Fluex/UFCG/2023: LITERATURA POPULAR: LEITURAS E INFERÊNCIAS SOBRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO. A partir de uma abordagem interdisciplinar, lançamos mão de leituras de obras da Literatura Tradicional Popular, no intuito de aprimorar o conhecimento do público-alvo participante, inscrito no Projeto. Essa ação está voltada para docentes que atuam na Educação Básica, bem como discentes do Curso de Letras e áreas afins, licenciandos do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, para que eles façam uso do potencial educativo dessa literatura, cujos conteúdos perpassam diferentes problemáticas que instigam o debate em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura Tradicional Popular; memória coletiva; formação continuada.

1. INTRODUÇÃO

Pensar e estudar literatura nos conduz a explorar um universo completamente novo e nos envolve em uma imersão nas diversas culturas que constituem a nossa base formadora e enriquecem nossas experiências. Nesse sentido, a reflexão acerca da Literatura Popular nos conduz a uma profunda imersão na essência do povo do sertão nordestino e em seus saberes compartilhados, com destaque para a riqueza da tradição oral.



Nesse contexto, a poesia oral se revela como uma expressão artística e performance de caráter cultural e literário, que se personifica através da figura do contador de histórias. A prática da contação de histórias firmou raízes na sociedade e proporcionou um deleite em diversas narrativas populares que passeiam por campos como o do humor, o reflexivo, o do fantástico. Esses aspectos marcaram de forma indelével o cenário de cada encontro, visto que a condução dos trabalhos se estabeleceu de forma espontânea, o que gerou um espaço que propiciou a afetividade no recinto nos momentos de leitura, discussão e compartilhamento de saberes e lembranças entre as pessoas envolvidas no Projeto.

Dessa forma, a leitura de cordel e a partilha de histórias populares transmitidas de geração em geração emergem como uma resposta crucial diante da ameaça de esquecimento e desvalorização das narrativas tradicionais. A interação entre os participantes por ocasião da discussão acerca das leituras teve fundamental relevância para a consolidação do seu pertencimento identitário, e, por conseguinte, da valorização da cultura, haja vista os relatos de memória pelos participantes contribuíram para a disseminação e preservação dessas histórias, propiciando a elaboração de produções que contribuem para revigorar a cultura nordestina.

Assim, com o intuito de preservar os saberes e a memória coletiva, o Projeto de Extensão/Fluex/UFCCG/2023, intitulado "Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino", representa um esforço concreto para preservar a cultura e as histórias populares. Nessa perspectiva seu objetivo precípua é valorizar, aprimorar e disseminar o conhecimento da Literatura Tradicional (Popular), proporcionando a formação continuada, de natureza interdisciplinar, aos estudantes do Curso de Licenciatura em Letras e áreas afins do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, assim como docentes da Educação Básica de escolas públicas de Cajazeiras-Paraíba e adjacências.

Com esse propósito, as atividades do Projeto foram pautadas na abordagem da leitura e posterior discussão sobre o romanceiro nordestino, a exemplo das obras de Leandro Gomes de Barros e de Patativa do Assaré, dentre outros. Partimos do pressuposto de que os conteúdos dessas obras apresentam diversas problemáticas que suscitam debates enriquecedores no ao público beneficiado. Com efeito, a atividade executada, envolvendo a poesia popular



possibilitou uma experiência de reflexão, numa perspectiva dialógico-interdisciplinar entre a Literatura Popular e outros campos do conhecimento, a partir do contato com as obras poéticas.

Neste sentido, conforme discutimos no “Relato de experiência sobre saberes, vivências e memória coletiva no nordeste brasileiro”, capítulo publicado em *Educação Sem Barreiras: Tecnologias e Inclusão*:

[...] a Literatura Popular nordestina é uma de resistência, tendo em vista o silenciamento acerca da nossa cultura literária oral e escrita, e certa desconsideração a respeito dela no próprio contexto acadêmico regional, bem como a ausência de experiências com essa estética na escola pública, na educação básica, em que os Projetos de leitura nem sempre contemplam a literatura nordestina, tampouco instiga a pesquisar sobre ela. Por isso, dar notoriedade à Literatura Popular é uma forma de reconhecer a sua importância, valorizá-la e fortalecê-la, conforme foi proposto por este Projeto de Extensão, que buscou enriquecer os conhecimentos de discentes e docentes sobre o pioneirismo da arte popular e da memória coletiva presentes na Literatura Popular (SANTOS, et al, 2023, p. 164).

Com efeito, “[...] a memória coletiva é um bem simbólico inestimável e um poderoso instrumento de transmissão do repertório cultural entre gerações. [...] o que não for registrado pela escrita corre o risco de cair no ostracismo, [...] incorrendo no apagamento” (SANTOS, et al, 2023, p. 164-165).

Desse modo, nas atividades do Projeto, inferimos sobre temáticas suscitadas pelo discurso literário, promovendo debate com o público-alvo, o qual interagiu com as pessoas presentes, tornando dinâmicas e profícuas as discussões realizadas, tecendo diálogos e compartilhando vivências. Nosso embasamento teórico seguiu à luz de Magalhães (1973), Patativa do Assaré (2000), Severo (2009), Santos (2011), Mello (2012), Rodrigues (2012), entre outros autores.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A narrativa da vida do sertanejo, que se vê obrigado a deixar sua terra natal em busca de uma qualidade de vida melhor na cidade grande, representa um elemento central nas obras de poetas como Patativa do Assaré. A hostilidade da natureza, a árdua realidade no sertão e as



limitadas oportunidades de subsistência, mesmo diante da força e resistência do trabalhador, constituem ameaças latentes à sua própria existência e à de sua família, conforme evidenciado nas produções literárias de autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz.

Na obra *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa afirma que “[...] sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (2021, p. 29). Essa perspectiva revela uma reflexão profunda sobre a existência sertaneja, destacando a necessidade de cultivar uma força - em todos os sentidos - para enfrentar com resiliência às adversidades encontradas ao longo do caminho. A afirmação ressalta a complexidade e a fragilidade inerentes à vida no sertão, enfatizando a importância de uma força para enfrentar os perigos inerentes a essa realidade desafiadora.

Nas obras que retratam a vida no sertão, os poetas imergem na realidade dos retirantes, compartilhando a dor que permeia essa experiência com o leitor. De modo que, ao se colocarem no lugar desses indivíduos, transmitem um sentimento profundo, permitindo que o leitor seja envolvido por esse universo desafiador. A narrativa evidencia a força intrínseca a cada sertanejo, mesmo quando confrontado com a dolorosa realidade de ser praticamente expulso de sua terra natal devido às adversidades da vida no sertão. Essa representação poética não apenas destaca as dificuldades enfrentadas, mas também ressalta a resiliência e determinação presentes na essência de cada protagonista desse contexto.

Os folhetos de cordel emergem como um poderoso meio de expressão que captura e narra as vivências dos sertanejos, enriquecendo a temática da vida no sertão. Esses escritos, frequentemente lançados pelos próprios autores em suas primeiras tiragens, proporcionam uma visão íntima das experiências dos retirantes e da complexidade da vida na região. Conforme observado por Severo (2009, p. 51), muitos desses poetas mantinham suas próprias tipografias em suas residências, assumindo o controle direto da produção e distribuição de seus cordéis. Viveram, em grande medida, do que lhes proporciona a venda destes folhetos, estabelecendo uma conexão íntima entre o autor, sua obra e o público leitor.

Era comum entre os poetas, a venda dos direitos autorais para outro que tivesse condições financeiras de manter a tipografia em funcionamento. Devido a isso muitos autores tiveram seus títulos usados por aqueles que compraram a tipografia, passando a autor-editor, muitas vezes omitindo a verdadeira autoria



ou adulterando o acróstico da última estrofe do texto, recurso usado para identificar o autor do folheto (SEVERO, 2009, p. 51).

Assim, os cordéis não apenas retratam, mas também materializam a força e resiliência dos sertanejos, ao mesmo tempo em que refletem a realidade econômica e social desses autores que, muitas vezes, encontravam nos folhetos de cordel não apenas uma expressão artística, mas também uma fonte de sustento. Entretanto, a poesia dos poetas populares marcou presença, também, em outros gêneros literários, despertando olhares diversificados sobre a poética popular.

A vasta circulação dos folhetos propiciava a fácil transmissão dos seus conteúdos mostrando a força da oralidade. Afinal, seu público era de ouvintes. Assim, iam surgindo novos poetas na cidade e no interior. As diásporas nordestinas para o Sudeste, motivada pela sobrevivência, contribuíram para uma maior circulação dos folhetos. Mesmo com o advento da luz elétrica e do rádio, a intensidade do processo de divulgação dos folhetos não diminuiu, mas influenciou na sua temática e na sua utilização.

A presença da rima, métrica, melodia, trazem aos textos escritos em cordel, um ar de reflexão, justamente por muitas das vezes contar as memórias daqueles que escrevem, facilitando a compreensão e captação da mensagem, principalmente naquilo que remete à fé. O povo nordestino tem grande devoção religiosa, muitas práticas de fé em seus momentos de angústia. Mesmo em meio ao desespero, o apelo para o Divino sempre está em seus lábios, a oração e os dias de santo sempre estão presentes em suas preces e em seus atos, conforme apresenta o texto “Uma viagem ao céu” de Leandro Gomes de Barros, que apresenta diversas figuras religiosas como Santa Bárbara e São Pedro.

Leandro Gomes de Barros foi seguido por poetas como Francisco das Chagas Batista, que começou a fazer versos em 1902, juntamente com João Melquíades. Estes poetas viajavam anualmente, na época das safras de produtos sazonais, pelos sertões da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará para vender seus folhetos.

Leandro Gomes de Barros nasceu em 19 de novembro de 1865, no sítio Melancia, em Pombal, cidade do alto sertão paraibano e mudou-se para Teixeira, município também paraibano, em 1880. Posteriormente, foi com a família para Vitória de Santo Antão, Pernambuco, para onde levou as raízes da poesia, iniciando, em 1889, a produção de folhetos



que o tornaria célebre. Em 1909, passou a residir em Recife, onde permaneceu no ofício de criação de versos para vendê-los no Mercado São José, nas bodegas/vendas, ao longo da estação, nos trens ou em sua própria casa. Assim sustentou sua grande família, vindo a falecer em Recife, no dia 4 de março de 1918 (SEVERO, 2009, p. 51).

Após a morte de Leandro Gomes de Barros, poetas populares renderam-lhe homenagens, como por exemplo, João Martins de Athayde, por quem sua obra passa a ser divulgada, a partir de 1909. Dessa forma, em 1921, Athayde comprou da viúva de Barros, os direitos de venda e de autoria do poeta. E assim Athayde se estabeleceu em Recife, por cerca de trinta anos, tornando-se o maior editor de folhetos do Nordeste. Em homenagem a Barros, escreveu o folheto *A pranteada morte de Leandro Gomes de Barros*, que exalta a obra do poeta paraibano, e ressalta sua importância para a Literatura Popular no Brasil, conforme mostram as estrofes a seguir, destacados do texto “Leandro Gomes de Barros: um cronista popular”, de Severo (2009, p. 51):

Poeta como Leandro
Inda o Brasil não Criou
Por ser um dos escritores
Que mais livros registrou
Canções, não se sabe quantas
Foram seiscentas e tantas
As obras que ele publicou

No dia de sua morte
O céu mostrou-se azulado
No visual dos horizontes
Um círculo subdourado
Amostrava no poente
Que o poeta eminente
Já havia se transportado [...].

A temática das narrativas dos folhetos de Leandro Gomes de Barros nutre o imaginário popular a partir do contexto da época, caracterizado pelos acontecimentos políticos, religiosos e históricos, a exemplo das histórias acerca do cangaço, de Padre Cícero, da seca, da inflação, da corrupção, e tantos outros motivos decorrentes das experiências cotidianas vivenciadas pelos poetas populares, os quais expressam, em sua poesia, a realidade situada num contexto sociocultural em que eles encontram-se inseridos (SEVERO, 2009, p. 56).



Nessa perspectiva, é frequente encontrar nos folhetos de Leandro Gomes de Barros a presença de seres sobrenaturais, evidenciando a inserção de elementos do fantástico, do maravilhoso e do misticismo. Além desses elementos, as obras do referido autor exploraram romances com temáticas amorosas e tradicionais, entre outros. Essa diversidade temática possibilita ampliar a riqueza das histórias e contribui para a complexidade literária presente na produção de Barros e de outros poetas populares da época.

Outrossim, ao integrar à sua criação elementos fantásticos e romances tradicionais, as narrativas de Leandro Gomes de Barros transcendem a mera descrição dos eventos cotidianos, oferecendo ao leitor uma experiência literária enriquecedora. Assim sendo, a presença de seres sobrenaturais e a exploração de diversos temas literários evidenciam a habilidade do poeta em criar uma tapeçaria literária multifacetada que captura as nuances da vida no contexto sociocultural em que ele estava inserido.

Na esfera do imaginário cultural, a ida para o céu é uma temática recorrente em diversas culturas, e Leandro Gomes de Barros não hesitou em abordá-la em um de seus cordéis, como é o exemplo do cordel “Uma viagem ao céu”. De maneira incisiva, Leandro Gomes de Barros não poupa críticas em seu discurso, direcionando sua análise mordaz a diversos alvos, como o governo, a figura feminina, a sogra, o médico, o advogado e até mesmo o casamento. De forma que, a sua perspicácia crítica não deixa escapar nenhum aspecto que chama a atenção e impacte a população, tornando-se uma fonte constante de reflexão e crítica social.

Convém destacar que o simbolismo inerente à cosmografia mítica da ascensão ao céu está profundamente vinculado aos símbolos ascendentes, reforçando o arquétipo da jornada ao "self", o centro interior, ou a necessidade de explorar as riquezas do inconsciente, que se manifesta como um mundo encantado, para atingir a epifania de uma nova consciência. Desse modo, o fortalecimento do onírico é a combustão de devaneios que conduzem à liberdade. Nesse enfoque de Barros, verificamos que a temática transcende o simples tratamento da ideia da ida para o céu, incorporando elementos simbólicos que exploram aspectos mais profundos da psique humana e da experiência existencial.

Nesse contexto, onde a ascensão ao céu é recorrentemente explorada nas narrativas dos folhetos, o arquétipo da subida destaca uma fenomenologia que revela uma poderosa vontade



de ascensão. No cordel acima mencionado, o ingresso no céu é percebido pela presença de uma determinada bebida, a cachaça. Esse elemento é evidenciado no seguinte trecho:

Pus a mão sobre a cabeça
Fiquei pensando na vida
Quando do lado do céu
Chegou uma alma perdida
Perguntou: - Era o senhor
Que aí vendia bebida?

Eu disse que era eu mesmo
E a venda estava quebrada
Mas se queria um pouquinho
Ainda tinha guardada
Obra de uns dois garrafões
De aguardente imaculada.

Além disso, no cordel são destacadas passagens que simbolizam reflexões acerca da descida ao inferno, onde a figura feminina, personificada pela sogra, introduz a dialética entre o alto/ baixo, conforme evidenciado no trecho abaixo:

Eu lhe disse: - Minha sogra
Eu não posso a conduzir
Ela me disse: - Eu lhe mostro
Porque razão hei de ir
Se não for, apago o raio
Quero ver você seguir.
[...]
Aí a velha voltou
Rogando praga e uivando
Quando entrou no purgatório
Foi se mordendo e babando
Dizendo tudo de mim
Lançando fogo e falando.

De acordo com o imaginário coletivo, o inferno é um lugar temível, em que se encontram inquietações tenebrosas, manifestações das angústias que matam a própria alma. A descida, o retorno têm a semelhança do espelho onde tudo se transforma, gerando figuras simbólicas, ambíguas, em que a ordem e o tempo são irrealis. Assim, pode se dizer que a descida



apontada pela mulher (a sogra) é o prelúdio de um labirinto abstrato: uma encruzilhada de caminhos que se confundem e se perdem, como reflexo distorcido da realidade. Nessa configuração, essa encruzilhada converte-se em centro do mundo ou em reino dos encantados. Neste particular, o espaço, por ser um lugar de passagem onde as pessoas fazem o ritual de transformação, torna-se o lugar epifânico, cujo fascínio que seduz as atenções femininas (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1991 *apud* MELLO, 2012, p. 271).

Acerca do céu, um reino encantado, configura-se um espaço de existência privilegiado, visto que é um lugar que ocupa o imaginário presente no inconsciente coletivo do povo que não escapa à imaginação do poeta que o recria. Assim, em sua perspicácia, este poeta menciona a viagem, descreve o percurso, mas não explicita de forma detalhada onde está situado este lugar celeste, próprio do imaginário popular, cujo encantamento é inerente à criação da obra de arte, que, por assim o ser, dispensa explicação. Neste sentido, ao poeta é permitido usar de astúcias e artefatos, seduzindo o leitor ao fascínio de uma viagem imaginária, encontrando no céu o subterfúgio para o devaneio poético, por ser convencionalmente associado ao belo, ao bom e à calma. Os excessos que levam à dúvida ou descrença na poesia, são artefatos competem à função da linguagem poética, e encetam o mistério que habita a obra, bem como o segredo do criador, em seu potencial absoluto, apto a criar imagens através da palavra.

A propósito da figura da sogra presente na obra, podemos conjecturar que ela representa uma atitude solitária feminina em busca de uma experiência em si mesma: a mulher sabe que, para acompanhar os movimentos diversos, tem que enfrentar os mecanismos diversos do social e alcançar uma visão da mudança histórica. Para isso, necessita de uma rede abrangente de integração entre movimentos, deslocando-se para além de si mesma, indo em busca das forças centrípetas; ou o inferno (MELLO, 2012, p. 217).

Por isso, justifica-se o afastamento das mulheres do espaço geográfico tradicional e sua entrada em uma representação espacial que a afasta e distância do controle comunitário que a cerceia, ocultando a epifania do sujeito social que lhe permita ser ator da sua própria história (TOURAINÉ, 1998, MELLO 2012, p. 218).



Esta mulher retratada no cordel confere a fecundidade histórica das mulheres por subsidiar elementos de reflexões e fatos da trajetória da mulher nordestina, especialmente da mulher paraibana. O cordel, ao retratar essa figura feminina, torna-se um veículo para explorar elementos e eventos que compõem a história das mulheres, oferecendo uma perspectiva valiosa sobre a experiência única e multifacetada das mulheres na região nordeste, com um enfoque mais específico na Paraíba.

Sobre a perspectiva do texto, ele é escrito para ser lido, assim deve ser percebido como um texto oral. A grafia de uma palavra pode ser transformada. A propósito disso, Idelette Muzart observa que modificações mais importantes podem levar a uma versão personalizada, a uma variante, como em qualquer narrativa oral; podemos atestar, dessa forma, uma semelhança entre os folhetos de cordel: *Uma Viagem ao Céu* e *O País de São Saruê*. Assim, a completa tradicionalização, como foi o caso do *Soldado jogador*, de Leandro Gomes de Barros, que chega a substituir o texto oral na memória coletiva, representa um caso extremo, e ao que parece, singular (SANTOS, 2006, p. 67), conforme vemos no excerto destacado a seguir:

O folheto propõe ao seu leitor compreender e rir de seu medo, e até de seu sofrimento. Ele opera plenamente a transfiguração do real dramático em uma realidade explicativa, justificativa, que não tenta apagar o real, mas incluí-lo em uma outra representação da realidade: a função poética por excelência (SANTOS, 2006, p. 75).

De acordo com Santos (2006), para rir à vontade e zombar de todos e de si mesmo, o poeta cria formidáveis histórias fictícias, ou ainda histórias de matutos que descobrem a cidade e a vida moderna, histórias de sogras ou traições possibilitando todo um repertório de anedotas maliciosas e debochadas. Nos folhetos que analisamos, percebemos uma atenuada identidade relacionada às tradições nordestinas e cristãs, no que diz respeito à crença na vida celestial.

Na viagem ao céu, o autor delinea um cenário social em que é possível visualizar a pretensão dos sujeitos envolvidos nessas narrativas de se verter condições dominadoras pela história. Essas escrituras sugerem não apenas marcas históricas, mas, sobretudo o trajeto antropológico do homem: seus afazeres, suas crenças, sua linguagem. Correspondem a valores



que não se limitam a fatos datados no tempo de uma cronologia racional, historiográfica (RODRIGUES, 2012, p. 277).

Nesse sentido, estudar a Literatura Popular do Nordeste do Brasil é importante para revigorar e disseminar a cultura resistente dessa região, mantendo viva sua memória e potencializando o pertencimento identitário de seu povo. Dessa maneira, por meio da Literatura Popular, uma profusão de histórias é transmitida oralmente não somente de pais para filhos, mas em uma cadeia de oralidade que ocorre no meio da vida comunitária, frequentemente em cordéis, e /ou outras formas de contar histórias populares. Daí o reconhecimento de Santos *et al* (2023, p. 240), ao afirmarem que:

Conceber o Nordeste como um celeiro artístico no cenário nacional, cujo (re)conhecimento ultrapassa suas fronteiras, é um fato incontestável, haja vista ser esta região um campo profícuo de criação e produção genuínas, não apenas no âmbito da arte popular, mas, também, de outras formas de expressão artística que consolidam a cultura brasileira. (SANTOS, et al, 2023, p.240)

Desse modo, é notória a percepção da cultura nordestina como fonte de riquezas que se disseminam por todo o território nacional, portando grandiosas contribuições sob diversos aspectos, especialmente no que diz respeito à arte e literatura, que é o ponto fomentador de nossa discussão.

Através da literatura de cordel, a exemplo do que observa nas representações das obras supramencionadas, torna-se flagrante a recorrência dos percalços da vida do retirante, que se empenhou em busca de uma melhor condição de vida, para si e sua família, haja vista as adversidades vivenciadas por eles onde quer que estejam.

Não obstante, essas "[...] adversidades enfrentadas pelo povo nordestino, encontramos [...] diversos artistas empenhados, de forma resistente, em seu ofício criador, contribuindo com vasta produção, resultante de sua observação, criatividade e conhecimento sobre o imaginário coletivo" (SANTOS *et al*, 2023, p. 241).

Nessa linha de raciocínio, percebemos também que, à medida que a cultura se sedimenta na realidade cotidiana, a memória individual vai se unificando e se tornando coletiva. Dessa maneira, Halbwachs (2003, p. 69), afirma que, “[...] se a memória coletiva tira sua força e sua



duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. [...] diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...]”.

Trata-se de uma realidade experimentada no Projeto de Literatura Popular, que executamos, numa intensa escavação do acervo de memória coletiva, o qual instigou o público a participar dos debates nos encontros, inteirado das referências sugeridas pela Equipe Executora do Projeto, interagindo e compartilhando o que levava em sua bagagem.

A tradição oral desempenha um papel fundamental na literatura popular nordestina, pois é fonte rica de expressão cultural, transmissora de conhecimento e preservação da identidade regional. É um meio vital para a transmissão de mitos, lendas, contos e histórias que embalam a identidade e a cultura do povo nordestino. Essas narrativas muitas vezes abordam questões como a vida no sertão, a seca, as tradições locais, a luta pela sobrevivência e as relações sociais.

É através da oralidade que muito do que o nordestino tem de memória acerca de suas raízes ainda está, de certo modo preservada e pode ser lembrada ao ser transmitida oralmente, histórias que são preservadas ao longo do tempo, mas que em muitos casos ficam esquecidas por não serem ativadas, como era feito antigamente.

A literatura oral é frequentemente acessível a uma ampla quantidade de pessoas, independentemente do nível de escolaridade, isso possibilita que as histórias possam ser compartilhadas e apreciadas por indivíduos de diferentes camadas sociais, contribuindo para uma experiência cultural mais inclusiva e permite uma troca maior acerca daquilo que é aprendido no seio regional e familiar de cada um. Os contadores de histórias e os cantadores têm liberdade para explorar a riqueza da linguagem, incorporando dialetos locais, jogos de palavras e ritmos específicos que dão uma identidade especial à literatura nordestina, fazendo com que esse tipo de expressão cultural se destaque e prenda a atenção dos que têm contato com as obras.

É importante enfatizar que a literatura oral nordestina tem se mostrado como uma maneira de fazer com que a cultura popular não se perca, resista, diante de desafios socioeconômicos e políticos, as histórias transmitidas oralmente contêm elementos de resistência, resiliência e orgulho, contribuindo com a autonomia e a dignidade do povo nordestino. Portanto, a tradição oral é a expressão da cultura popular e ela existe



independentemente na sociedade como um organismo vivo, tendo sua própria dinâmica de difusão e interação, é uma contribuição vital para a preservação dessa memória coletiva que tanto significa para a cultura popular, permitindo que vá além da escrita e se insira na vida daqueles que são atingidos por essa manifestação de resistência, força e determinação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise crítica e reflexiva proporcionada pelo Projeto de Extensão, evidencia-se a importância desses instrumentos na exploração das complexas interações entre a Literatura Popular, a tradição oral e a realidade sertaneja. Entendemos, dessa maneira, que a integração entre as experiências dos participantes, a apreciação das obras e a fundamentação teórica se revelam como um caminho valioso para a construção de um entendimento mais aprofundado das dinâmicas culturais e sociais presentes na região.

Nesse sentido, ao facilitar o acesso do público-alvo à leitura das obras dessa estética, a ação extensionista não apenas propicia momentos de reflexão e aprendizado, mas, também, contribui de maneira significativa para a preservação e a promoção da potente tradição literária popular.

Ao realizar este trabalho e mergulhar naquilo que foi proposto no decorrer da realização do Projeto, foi possível entender a necessidade de preservação da identidade cultural nordestina e fazer com que ela se torne reconhecida e respeitada nessa sociedade que cada vez mais se perde de suas raízes e deixa de lado o que lhe formou, para abraçar, muitas vezes, aquilo que lhe oprime. Portanto, dada a relevante contribuição deste Projeto de Extensão para a formação continuada do público beneficiado, faz-se necessária sua continuação.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Leandro Gomes. **Uma Viagem ao Céu (cordel)**. Ano 1932. Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5453 Acesso em: 09 dez 23.



HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. Encantos avernais nas narrativas populares. *In*: MELLO, Beliza Áurea de Arruda; SILVEIRA, Claurênia Abreu de Andrade; ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza. **No reino encantado das vozes**. João Pessoa: EdUFPB, 2012.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. Vozes organizadoras do tempo final. *In*: MELLO, Beliza Áurea de Arruda; SILVEIRA, Claurênia Abreu de Andrade; ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza. **No reino encantado das vozes**. João Pessoa: EdUFPB, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das Vozes**: Cantoria, romanceiro & cordel. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, 2006.

SANTOS, Maria de Lourdes Dionizio. *et al.* Relato de experiência sobre saberes, vivências e memória coletiva no Nordeste brasileiro. *In*: SILVEIRA, Jader. (Org.). **Educação em barreiras**: tecnologias e inclusão. Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2023. Volume 1. Ebook. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/14VcOELmVIESd68A11NR7VdRE5VLIGA7o/view?pli=1>. Acesso em: 29 out. 2023. p. 159-173.

SEVERO, Ione dos Santos. Leandro Gomes de Barros: um cronista popular. *In*: SEVERO, Ione; ROSA, Maria Nilda Barbosa; ROCHA, Vânia. (Orgs.). **Vertentes Literárias**. João Pessoa: Idéia, 2009.